

A visão de Arakcy Martins Rodrigues sobre a ponte indivíduo-sociedade¹

Leny Sato

Tomo aqui como objeto de minha reflexão a contribuição de Arakcy Martins Rodrigues para o tema desta coletânea. Isso porque ela foi a primeira pessoa de quem ouvi falar sobre o “hífen” como uma tarefa da psicologia social. Sua afirmação foi algo assim: “muito já se estudou a sociedade; muito já se estudou o indivíduo. O que falta é estudar o hífen que liga o indivíduo e a sociedade”. E este é o desafio ao qual Arakcy se lança, perseguindo uma questão teórica de grande envergadura a partir da psicologia social, expressa no título de suas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP: “Indivíduo, grupo e sociedade”, oferecida em dois semestres. Essa é linha mestra que “amarra” a diversidade de temas por ela estudados, pois, a rigor, ela abraçou uma dupla tarefa: conhecer em profundidade temas de pesquisa e encontrar uma leitura que expressasse o traço de união entre indivíduo e sociedade, havendo, para ela, a mediação do grupo.

A esse respeito, em 1978, Arakcy Martins Rodrigues escrevera:

Se, por certos períodos, tendi para uma explicação intra-subjetiva do homem, se em outros, o peso da percepção das determinações sociais me levou praticamente a abdicar da Psicologia, como ocorreu com inúmeros estudiosos de Psicologia Social, procurei aqui um equilíbrio na busca de uma explicação interativa entre o homem e os processos sociais historicamente dados.

1 Este capítulo é versão modificada da apresentação do livro *Indivíduo, grupo e sociedade*, de Arakcy Martins Rodrigues e organizado por Leny Sato. Agradeço aos comentários e sugestões de Cris Fernández Andrada e ao trabalho de preparação e acabamento de Flávia Uchôa.

Sei que enveredo por um caminho perigoso: tenho consciência do risco que representa, hoje, ‘desenterrar’ a ponte indivíduo-sociedade que, por um acordo tácito, foi deixada de lado pelos cientistas sociais nas últimas décadas. Sei ainda que ocupo um lugar de fronteira, reivindicado por várias disciplinas. Região vulnerável, alvo fácil para os estudiosos que ocupam espaços mais centrais nas áreas de Psicologia, Psicanálise, Sociologia e Antropologia (RODRIGUES, 1978, p. 15).

Meu objetivo é apresentar a sua singular contribuição a partir de alguns traços presentes em suas publicações. Opto por não reproduzir seus artigos citados à exaustão, mas (apenas) pontuar aqueles seus aspectos que evidenciam o objeto aqui tomado para reflexão. O objeto dessa reflexão não é o tema em foco em cada um de seus trabalhos, mas, sim, como o “hífen” se configura. Fica aqui o convite para que as(os) leitoras(es) tomem contato direto com a obra de Arakcy Martins Rodrigues².

O privilégio de ter tido uma convivência próxima, pessoal e profissional com Arakcy Martins Rodrigues oferece tanto facilidades como dificuldades para falar de seu pensamento e de seus trabalhos. Facilidades porque me permite conhecer um texto não escrito em seus artigos, mas que nele está presente, oferecendo sustentação pra a compreensão de seu pensamento; dificuldades porque, justamente por conhecer a sua forma de pensar, sua grande exigência intelectual e sua crítica aguçada, posiciono-me em um lugar difícil, uma vez que, inevitavelmente, a cada palavra, a cada frase e a cada encadeamento de ideia, vem-me a pergunta: será que Arakcy concordaria comigo? E vi-me, em vários momentos, querendo trocar ideias com Arakcy... Revivi alguns momentos como sua aluna em sala de aula, como sua orientanda nas longas reuniões de orientação (ocasiões nas quais me dizia que apenas dava “palpites”!) e como sua colega de departamento; enfim, nossas longas conversas no Instituto de Psicologia da USP, em sua casa, ao telefone.

Como não poderia deixar de ser, os trabalhos de Arakcy têm a marca de sua formação pessoal e trajetória profissional: a graduação em Filosofia, a especialização em Psicologia, a formação em Psicanálise e os estudos em Sociologia (particularmente, a influência de Pierre Bourdieu); o trabalho em equipes multidisciplinares, no qual realizou pesquisas com abordagens quantitativas e qualitativas. Disse-me, certa vez, sobre sua formação, algo como: “concluí que é difícil trabalhar em equipes multidisciplinares, então resolvi eu mesma ser multidisciplinar!”. Seus trabalhos têm a marca de sua inserção profissional no ensino superior. Por vários anos, estive vinculada à Escola de Administração de

2 O livro *Indivíduo, grupo e sociedade* traz quase todos os artigos e capítulos do livro de autoria de Arakcy Martins Rodrigues. Não integra essa coletânea o livro *Operário, operária*, publicado pela Editora Símbolo em 1978.

Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas e ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Parte dessa trajetória poderá ser conhecida na entrevista que concedeu aos *Cadernos de psicologia social do trabalho*³.

A trajetória profissional de Arakcy Martins Rodrigues e sua especial sensibilidade e inteligência fizeram com que sua contribuição para a psicologia social seja singular, focando, nas diversas temáticas estudadas, a relação individual-coletivo, realidade material-realidade simbólica, mundo objetivo-mundo subjetivo. As pesquisas desenvolvidas tratam dos seguintes temas: família, gênero, trabalho, organizações, crenças religiosas e aids⁴. Pode-se observar que em muitos desses trabalhos foi empregado o “discurso livre”, modalidade de colheita de depoimento oral desenvolvida por Arakcy, na qual a psicanálise, a psicologia social e a sociologia estão fortemente presentes. A partir do emprego do discurso livre, ela construiu importantes reflexões sobre a construção do discurso biográfico entre pessoas de camadas populares, que poderão ser conhecidas no artigo “Comportamento da mulher em relação ao trabalho” (RODRIGUES, 1997).

A perspectiva por ela adotada rejeitava leituras dicotômicas e universalizantes. Sua especial admiração pela obra de Pierre Bourdieu repousava, dentre outros motivos, no fato de considerar que esta, sim, possibilitava estudar a relação indivíduo-sociedade. Em uma de suas aulas no Instituto de Psicologia da USP, comentara que, embora houvesse diversas teorias que procurassem tematizar essa relação, apenas Bourdieu considerara, mediante o conceito de *habitus*, o “hífen” que liga os dois termos do binômio “indivíduo-sociedade”. O *habitus*, como conceito mediador, evitaria que grandes “saltos” fossem dados para relacionar o homem e o contexto. Pierre Bourdieu, que recusa a visão substancialista, era um autor especial para Arakcy e, no curso de pós-graduação, o qual contemplava um único texto dele, intitulado “Estrutura, *habitus* e práticas”, era motivo suficiente para suscitar grande interesse de seus alunos. Muito embora houvesse este único texto, Bourdieu estava fortemente presente no decorrer do curso.

Além da influência de Pierre Bourdieu, a de Kurt Lewin, a da Escola Sociotécnica e a da psicanálise (por meio de Wilfred Bion, Izabel Menzies e Christophe Dejours) podem ser identificadas em seus artigos, os quais sempre focam “a pessoa no contexto” e o “contexto na pessoa”. Arakcy sempre almejava a compreensão das condições de produção dos discursos, das práticas e das representações.

3 A entrevista concedida por Arakcy Martins Rodrigues a mim e ao Fábio Oliveira foi publicada em 1999 na revista *Cadernos de psicologia social do trabalho*, volume 2, número 1.

4 Todos os artigos aqui citados foram publicados na coletânea *Indivíduo, grupo e sociedade*, em 2005.

O contexto poderia ser o grupo, o estrato social ou a classe social. Assim, é a análise em *O do Catulé e outros demônios* (1981b)⁵ que toma um acontecimento de fanatismo religioso ocorrido na Semana Santa em Catulé (lugarejo de Minas Gerais), em que crianças de um grupo foram mortas, além do fenômeno de conversão de três homens. Aqui, Arakcy sempre busca a compreensão dos comportamentos individuais à luz do funcionamento do grupo e sempre busca a compreensão dos movimentos do grupo à luz das condições materiais de vida. Esse mesmo olhar está presente no artigo intitulado “Lugar e imagem da mulher da indústria” (RODRIGUES, 1992). Nele, a posição social da mulher na sociedade se expressa material e simbolicamente no espaço fabril, segundo expectativas de desempenho de papéis. As representações de supervisores de produção no artigo “Processo produtivo e visão do trabalho entre supervisores de uma empresa automobilística” (RODRIGUES, 1988) são estudadas considerando-se tanto a posição dos sujeitos no espaço social configurado na empresa como a tarefa que desempenham.

Arakcy claramente criticava uma visão substancialista, apresentando as limitações para a compreensão dos fenômenos que são objetos da psicologia. As características dos indivíduos só podem ser compreendidas reconhecendo-se a sua posição relativa no grupo, na família ou na categoria socioprofissional. Representações, práticas e o universo psíquico nunca são considerados abstraídos da realidade material e cultural; são, enfim, fenômenos psicossociais. Tal leitura é bastante clara no já referido *O do Catulé e outros demônios* (1981b); no artigo “Dinâmica grupal e indivíduo no sistema de distribuição de privilégios na família” (RODRIGUES, 1981a), no qual reafirma que o estudo da família deve ser conduzido mediante a leitura de comportamento grupal e, nesse contexto, discute o problema do indivíduo – no caso, sobre como se dá a distribuição de privilégios –, sempre atenta à classe social à qual pertence a família; e em “O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias” (RODRIGUES, 1984), que será mais comentado a seguir.

Em seu estudo sobre os motoristas de táxi⁶, a fim de situá-los no espaço social, Arakcy procedeu à configuração do trabalho autônomo na sociedade capitalista e lançou mão do conceito de pequena burguesia, o que lhe permitiu reunir elementos para se aproximar da descrição das condições objetivas daquele grupo

5 Essa análise foi apresentada em entrevista concedida a Olgária F. Matos e a Fernando Mesquita, publicada também como capítulo na coletânea *Indivíduo, grupo e sociedade*, em 1999. Foi publicada originalmente em Galvão e Prado Jr. (1981).

6 “O trabalho autônomo e semi-autônomo” é o quarto capítulo do livro *Indivíduo, grupo e sociedade*. Trata-se de um dos textos que não haviam sido publicados anteriormente nesta coletânea. O texto é produto de uma pesquisa empírica realizada sob os auspícios do Núcleo de Pesquisas e Publicações da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, desenvolvida entre os anos de 1978 e 1980, e faz parte do *Relatório de pesquisa* n. 11, EAESP/FGV, de 1981.

socioprofissional. A localização dessa categoria socioprofissional no espaço social mais amplo e a configuração de um espaço social próprio dos motoristas de táxi não têm como função descrever o “perfil” desses trabalhadores, mas têm a intenção de angariar subsídios para lançar hipóteses sobre a dinâmica das disposições subjetivas daqueles agentes, notadamente, como é ser trabalhador autônomo e semi-autônomo nesse contexto.

Suas pesquisas sempre partem de uma clara hipótese que está fortemente ancorada num arcabouço teórico-metodológico. Essa característica está muito presente no artigo “Padrões afetivos na família e empresa familiar” (RODRIGUES, 1991). A hipótese é de que há uma divisão por gênero no que se refere aos vínculos afetivos entre os familiares e a organização empresarial familiar. Os primeiros se dirigem preferencialmente para o lado materno e a empresa familiar se articula em torno do lado paterno. É notável a síntese alcançada por Arakcy e que se expressa no questionário utilizado. Tal síntese, por certo, só pode ser alcançada mediante um rigoroso processo anterior de construção do objeto de pesquisa, o qual considerou a posição do indivíduo no grupo familiar e na empresa. Nenhuma das questões presentes no questionário está além ou aquém das hipóteses de trabalho; nenhuma das questões é “deixada de lado”, sem análise; nenhuma das hipóteses deixa de ser respondida. O rigor com relação ao método empregado em cada pesquisa transparece, também, pelo detalhe e pela sinceridade com que apresenta os procedimentos de pesquisa; seus alcances e seus limites. Podemos ver essa postura, por exemplo, no livro *Operário, operária* (RODRIGUES, 1978).

Seu olhar de pesquisadora que “mergulha” no universo dos pesquisados e a forte âncora teórico-metodológica pode ser observada em “Dinâmica grupal e indivíduo no sistema de distribuição de privilégios na família” (RODRIGUES, 1981a). O olhar aguçado e atento sobre os achados do trabalho de campo mostra-nos que um pequeno detalhe do universo social dos pesquisados ganha sentido em sua articulação com a teoria. Assim, a fim de ilustrar sua teoria sobre família – presente naquele artigo e em outro intitulado “O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias” (RODRIGUES, 1984) –, Arakcy descreve e analisa diversas tarefas domésticas, as quais desempenham papel importante na configuração familiar. Tarefas como “olhar a casa”, “olhar as crianças”, “pôr o feijão no fogo” são diferenciadas de “encerar a casa, lavar a roupa, temperar a ‘mistura’”. Nesse cuidadoso processo, mostra que descrever é já um trabalho de interpretação. Cada uma dessas atividades não pode ser tomada isoladamente, mas só fazem sentido quando relacionadas às outras. As tarefas só ganham seu sentido quando se identifica quem do grupo familiar pode “olhar a casa” ou “pôr o feijão no fogo” e a quem se reserva o segundo grupo de tarefas domésticas. Há aí uma hierarquia entre os que cuidam da casa, administram-na, e os que auxiliam nessa tarefa. Análises como estas, que focalizam o cotidiano, o comezinho,

o corriqueiro, também estão presentes em “Lugar e imagem da mulher na indústria” (RODRIGUES, 1992), no qual a divisão sexual do trabalho está presente não apenas em grandes grupos de atividades “femininas” e “masculinas” e, por conseguinte, expressando-se em diferentes funções, mas em situações nas quais, aparentemente, não haveria diferenças pelo recorte de gênero, como é o caso da operação de máquinas. Mulheres e homens podem operar máquinas, mas às mulheres é reservada a operação de máquinas secundárias.

Uma outra marca no trabalho da Arakcy é o seu estilo de escrita: seus textos são bastante claros, clareza esta sustentada em complexas articulações teóricas, as quais se encontram “encarnadas” em seus artigos.

Muito embora seja notável a maior concentração de publicações sobre a temática do trabalho, das organizações e da família, quando comparadas aos artigos sobre crença religiosa e sobre aids, Arakcy foi uma psicóloga social que utilizava categorias, conceitos e noções comuns que transitavam pelos diversos temas, havendo, também, cruzamentos temáticos, como é o caso de trabalho e família, organizações e família, aids e coletivos de trabalho. De forma extremamente criativa, articulava os temas “organizações” e “família”, como se pode observar em “Padrões afetivos na empresa familiar”.

Nenhum dos termos – indivíduo, grupo e sociedade – é trabalhado isoladamente. Um exige o outro e, ao proceder a essa articulação, Arakcy o faz sob a óptica da psicologia, focando as representações e as práticas com o olhar atento para a pessoa. Esse eixo, que aqui denominei “a pessoa no contexto” e “o contexto na pessoa”, possibilitou que Arakcy Martins Rodrigues nos deixasse importantes contribuições para uma psicologia social do trabalho, uma psicologia social das organizações, uma psicologia social da família etc...

Por tudo isso, dos temas estudados, Arakcy extraía os problemas teóricos para desenvolver a sua contribuição para a psicologia social a partir da “passagem” indivíduo, grupo e sociedade mediante uma outra passagem: filosofia, psicanálise, psicologia social e sociologia. Sendo um caminho de dupla mão, se, de um lado, o conhecimento dessa psicologia social possibilita contribuir originalmente para cada um dos temas e problemas estudados, de outro, ao debruçar-se sobre cada um deles, Arakcy Martins Rodrigues contribui de forma singular para a psicologia social.

Referências

GALVÃO, W. N.; PRADO JR., B. (Eds.). Almanaque psicanálise em questão. *Brasiliense*, São Paulo, n. 12, 1981, p. 24-37.

RODRIGUES, A. M. Comportamento da mulher em relação ao trabalho. *Revista do Instituto Brasileiro de Psicanálise*, [S. l.], ano 3, n. 4, p. 35-43, 1997.

- _____. Dinâmica grupal e indivíduo no sistema de distribuição de privilégio na família. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 37, p. 52-59, 1981a.
- _____. Lugar e papel da mulher na indústria. In: BRUSCHINI, C.; COSTA, A. O. (Org.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 266-288.
- _____. O do Catulé e outros demônios. In: PRADO JR., W. N. G. B. (Org.). *Almanaque de Psicanálise em Questão*, São Paulo: Brasiliense, n. 12, p. 24-37, 1981b.
- _____. O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias. In: AGUIAR, N. (Org.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 204-219.
- _____. *Operário, operária*. São Paulo: Editora Símbolo, 1978.
- _____. O trabalho autônomo e semi-autônomo. In: RODRIGUES, A. M.; SATO, L. (Org.). *Indivíduo, grupo e sociedade: estudos de psicologia social*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 57-103.
- _____. Padrões afetivos na família e empresa familiar. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 35-48, 1991.
- _____. Processo produtivo e visão do trabalho entre supervisores de uma empresa automobilística. *RAE*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 5-14, 1988.
- RODRIGUES, A. M.; SATO, L. (Org.). *Indivíduo, grupo e sociedade: estudos de psicologia social*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SATO, L.; OLIVEIRA, F. Entrevista: Arakcy Martins Rodrigues. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-84, 1999. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v2/v2a12.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

